

Roteiro do Megalitismo no Nordeste Algarvio

Roteiro do Megalitismo no Nordeste Algarvio . Roteiro do Megalitismo no Nordeste Algarvio . Roteiro do Megalitismo no



Enquadramento Histórico

O Nordeste Algarvio forma parte do chamado "Maciço Antigo Ibérico" englobando todo o flanco oriental da Serra do Caldeirão e as suas prolongações até ao Guadiana.

Geologicamente assenta na parte meridional do Maciço Ibérico, mais concretamente, na Faixa Pirítica da Cintura Hispano-Portuguesa.

A rede hidrográfica pertence à bacia hidrográfica do Rio Guadiana, única rede com regime permanente, que corre praticamente de Norte a Sul e é fronteira fluvial entre os



zona é bastante homogêna quanto às suas características geológicas, estando marcada por um complexo de xistos e grauques. Mais de 95% dos solos desta área estão inseridos em solos esqueléticos, definindo a sua escassa fertilidade e a pesada carga que supôs para o camponês extrair o sustento destas terras.

Durante o IV milénio a.C., podemos pressupôr uma antro-



pização desta área em estudo. Assim, com o avanço do processo neolitizador, comunidades de pastores-agricultores interviriam sobre esta área com novas estratégias de exploração económica.

Existem poucos dados que permitam ver e interpretar o funcionamento do seu *habitat*. Contudo, a investigação realizada, na Península Ibérica, aponta para comunidades rurais, com uma estrutura social de tipo campesino, pouco estratificado.

Durante a primeira metade do III milénio a.C., a existência de instrumentos de pedra, amplamente distribuídos por esta zona (indústria de pedra polida, machados, enxós, enxadas) e de sepulcros megalíticos dispersos, provavelmente relacionados com estas comunidades tardoneolíticas, sugerem, indirectamente, o incremento de actividades agro-pastoris. Não são conhecidos os povoados correspondentes a estas presumíveis comunidades que poderiam assumir características construtivas precárias.

A não detecção destes *habitats*, até ao momento, continua a dever-se ao carácter temporário dos mesmos e à falta de prospecções exaustivas. Contudo, a investigação realizada na Península Ibérica, continua a apontar para comunidades rurais, com uma estrutura social de tipo campesino, pouco estratificada.

O enquadramento desta área, no Sudoeste peninsular, permite testemunhar a influência do Alentejo Interior nesta região serrana.

A partir dos finais do IV início do III milénio, a análise conjugada de testemunhos arqueológicos como da potencialidade agrícola dos solos permitem concluir a existência de uma expansão de segmentos populacionais do Alentejo Interior para áreas periféricas. Nesta conjuntura se explicaria a difusão de comportamentos simbólicos, nesta região serrana, materializados sobretudo, ao nível dos espólios sepulcrais. Assim, os únicos sepulcros que forneceram espólio (Anta das Pedras Altas, Anta do Curral da Castelhana) revelaram materiais maioritariamente

integráveis na fase do megalitismo no Alentejo/Algarve.

Perante a ausência de uma estratigrafia de enterramentos ou de datações absolutas, estes sepulcros podem ser integrados na primeira metade do III milénio a.C., época em que, no Sudoeste peninsular, tais arquitecturas e artefactos surgem com maior representatividade.

Podemos pressupôr um ciclo tecno-económico para estas comunidades "megalíticas". Dadas as características dos solos, podemos pressupôr um regime económico de tipo misto, baseado na criação de gado, o que motivaria certa mobilidade, assim como uma agricultura estacional desenvolvida e reduzida às margens férteis.

Apesar da pobreza geral do solo, as margens do rio Guadiana e os seus afluentes são terras férteis. Das ribeiras do Vascão, Cadavais, Foupana, Odeleite, são, por sua vez, subsidiários numerosas ribeiras que, apesar de secas a maior parte do ano, irrigam terras férteis que são cuida-

dosamente agricultadas.

Durante a segunda metade do III milénio a.C., o estudo de povoados calcolíticos detectados no Nordeste Algarvio - Santa Justa, João Marques, Mestras, Clarines - veio trazer luz sobre o povoamento desta parte da região serrana. Apesar de um monumento de falsa cúpula conhecido na área por "Tholos" da Eira dos Palheiros, ser certamente contemporâneo destes povoados, não conteria, segundo o autor do seu estudo, Victor Gonçalves (1989), mais do que dois enterramentos. Como consequência, temos de admitir que, tal como em muitas outras regiões, desconhecemos as respectivas necrópoles onde as comunidades de metalurgistas calcolíticos inumavam os seus mortos.

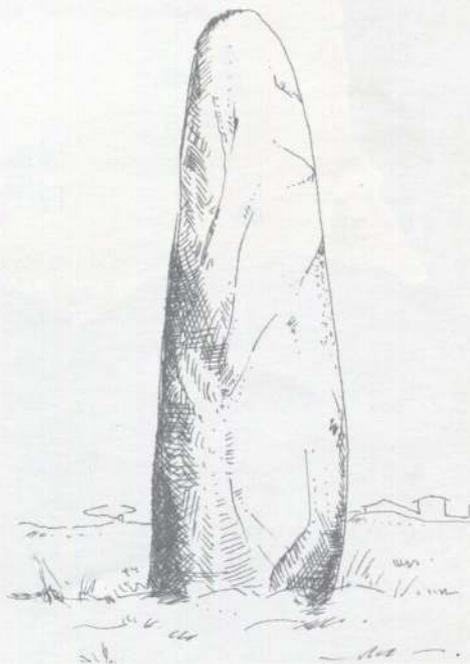
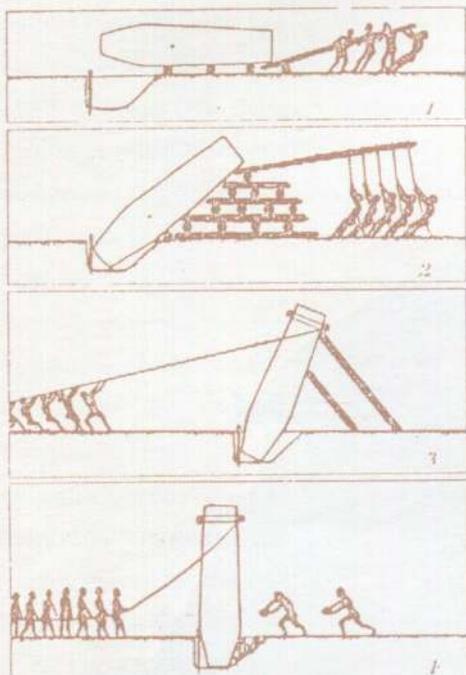
Os períodos da Idade do Bronze e da Idade do Ferro estão igualmente representados nesta área com alguns núcleos de necrópoles de sepulturas em cistas (nomeadamente nas freguesias de Alcoutim e Giões), infelizmente em total estado de degradação.

Técnica provável de construção dos monumentos Megalíticos

Os construtores de sepulcros megalíticos dispunham de conhecimentos técnicos avançados. Os blocos de pedra eram extraídos de uma canteira próxima dos monumentos. Para a sua extração aproveitavam-se as falhas da rocha, onde se introduziam cunhas de madeira que, quando se humedeciam, faziam saltar a rocha. Uma vez extraídos eram trabalhados com instrumentos rudimentares. Posteriormente, procedia-se ao seu transporte até ao lugar de fixação do monumento, realizando-se com cordas

muito fortes, rodando-as sobre troncos muito grossos.

O passo seguinte consistia em afincar verticalmente os blocos numas valas previamente escavadas. Os blocos eram levantados através de cordas. O último momento consistia na colocação das cobertas. Para tal enchia-se de terra todo o espaço interior, formando um talude por onde deslizavam os blocos de pedra. Uma vez colocadas as cobertas extraía-se a terra.



Sudoeste da Península Ibérica

Localização de monumentos funerários do Neolítico Final



Oceano Atlântico

0 100 km

Legenda

-  Anta
-  Menir
-  Cromeleque
-  Grutas artificiais ou "Hipogéus"
-  Sepulcros de falsa cúpula
-  Concentração Megalítica



- 01 . Melides / Anta da Pedra Branca
- 02 . Ourique / Anta 2 do Monte Velho
- 03 . Ourique / Anta do Brejo
- 04 . Ourique / Anta 2 de Fernão Vaz
- 05 . Montemor-o-Novo / Anta Grande da Comenda da Igreja
- 06 . Reguengos / Anta Grande do Olival da Pega
- 07 . Reguengos / Anta Grande do Zambujeiro
- 08 . Península de Lisboa / Setúbal / Trigache 3
- 09 . Península de Lisboa / Setúbal / Conchadas
- 10 . Península de Lisboa / Setúbal / Monte Abraão
- 11 . Península de Lisboa / Setúbal / Casainhos
- 12 . Península de Lisboa / Setúbal / Serra da Camela
- 13 . Península de Lisboa / Setúbal / Estria Belas
- 14 . Monchique / Buço Preto 7
- 15 . **Alcoutim; Cortes Pereiras / Anta do Lavajo**
- 16 . **Alcoutim; Mestras / Anta da Castelhana**
- 17 . **Tavira; Mealha / Anta das Pedras Altas e Anta da Masmorra**
- 18 . Huelva; Las Plazuelas / Castillejos (1 anta)



- 01 . Reguengos / Outeiros
- 02 . Reguengos / Menir da Belhõa
- 03 . Lagoa / 25 Menires
- 04 . Alcoutim; Cortes Pereiras / Menir do Lavajo



- 01 . Reguengos - Évora / Almendres
- 02 . Reguengos / Xarez
- 03 . Reguengos / Perdigões
- 04 . Alcoutim



- 01 . Setúbal / Quinta do Anjo
- 02 . Lisboa / Alpraia
- 03 . Lisboa / S. Pedro do Estoril
- 04 . Lisboa / Carenque
- 05 . Santarém / Cabeça da Arruda
- 06 . Lisboa / Praia das Mações



- 01 . Praia das Mações

Menir do Lavajo

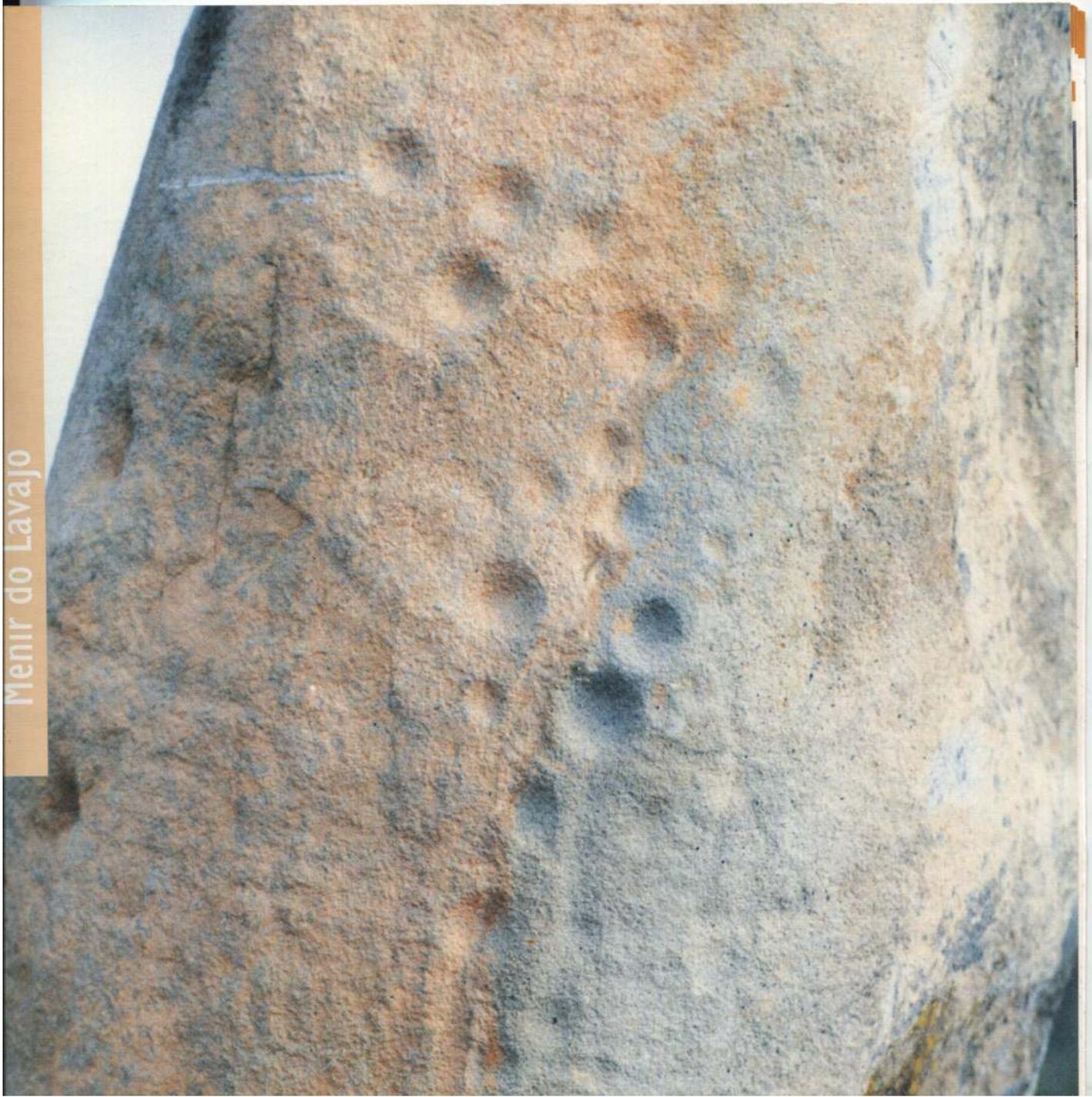
Trata-se de um menir que data do período do Neolítico Final, III - IV milénio a. C., que se situa a 1,5 km a noroeste de Afonso Vicente, freguesia e concelho de Alcoutim, no alto de um pequeno outeiro, orientado a N-S entre o Vale do Lavajo e o Barranco do Lavajo. Descoberto pelo Dr. António do Nascimento (A. Nascimento *et alii*. "al-madar" IIª Série nº 1, Dez. 1992, p. 92-93), forma um conjunto relativamente homogéneo onde se identificaram zonas de *habitat*, uma pequena anta de planta trapezoidal, sem vestígios de corredor, o menir de forma estrelar gravado e restos de outra estrela-menir, partida pela lavoura mecanizada.

Este menir mede 3,14m de altura e 0,74m x 0,55m, segundo dois eixos octogonais na sua espessura, forma estrelar de faces decoradas com sulco longitudinal com fossetes e dois círculos bem definidos (sois) e um hipotético semi-círculo (báculo ?). As superfícies, alteradas pelas exposições aos agentes meteóricos, mostram fracturas e estalamentos.

Nas proximidades deste núcleo megalítico encontra-se o bonito "monte" das Cortes Pereiras, onde o visitante pode conhecer os antiquíssimos vestígios de explorações mineiras e saborear a boa gastronomia regional.



Menir do Lavaço



Roteiro

Menir do Lavajo

Tomar a estrada (507) - Alcoutim- Cortes Pereiras. Logo a seguir a Cortes Pereiras tomar, à direita, a estrada para o Monte do Vascão. A seguir ao entroncamento da estrada do Vascão, existe um caminho, à esquerda, de terra batida que conduz ao monumento.

Tholos da Eira dos Palheiros

Tomar a estrada (124) - Alcoutim - Pereiro - Martinlongo. Entre Pereiro e Martinlongo tomar o ramal de Alcaria Alta, onde deve seguir por uma estrada não pavimentada, até a Tholos da Eira dos Palheiros.

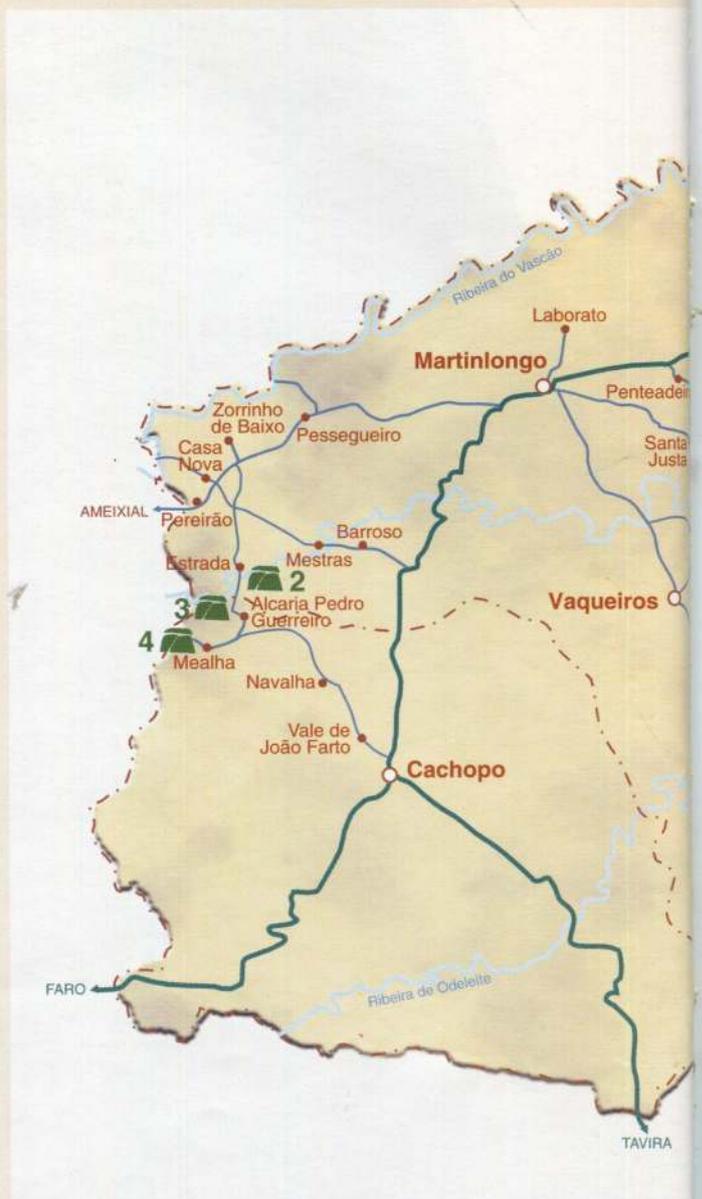
Para visitar o povoado calcolítico de Santa Justa, correspondente a esta necrópole, deve dirigir-se à bonita aldeia de Santa Justa e pedir informações.

Anta do Curral da Castelhana / Masmorra / Pedras Altas

Tomar a estrada (124) - Alcoutim - Martinlongo - Barranco do Velho. A seguir a Martinlongo, tomar a estrada, à direita, para Pessegueiro e deve continuar até ao cruzamento de Zorrinhos. Daqui seguir até ao monte da Estrada que conduz à Anta do Curral da Castelhana.

Na continuidade deste caminho e na direcção de Alcaria de Pedro Guerreiro, encontra-se a Anta e os moinhos de vento da Masmorra. Seguir ainda pelo mesmo caminho até Mealha (Cachopo). Aqui Tomar um caminho à esquerda, não pavimentado, onde encontrará um serro onde existe uma placa informativa indicando a "Anta das Pedras Altas a 200m".

O regresso deverá ser feito pela estrada Mealha - Cachopo.



Legenda

Rede viária de estradas e caminhos

Via pavimentada principal

Via pavimentada secundária

Via não pavimentada

Limite de Concelho

Locais

- Povoação
- Sede de Freguesia
- Sede de Concelho

Monumentos Históricos

Neolítico Final (3000 a.C.):

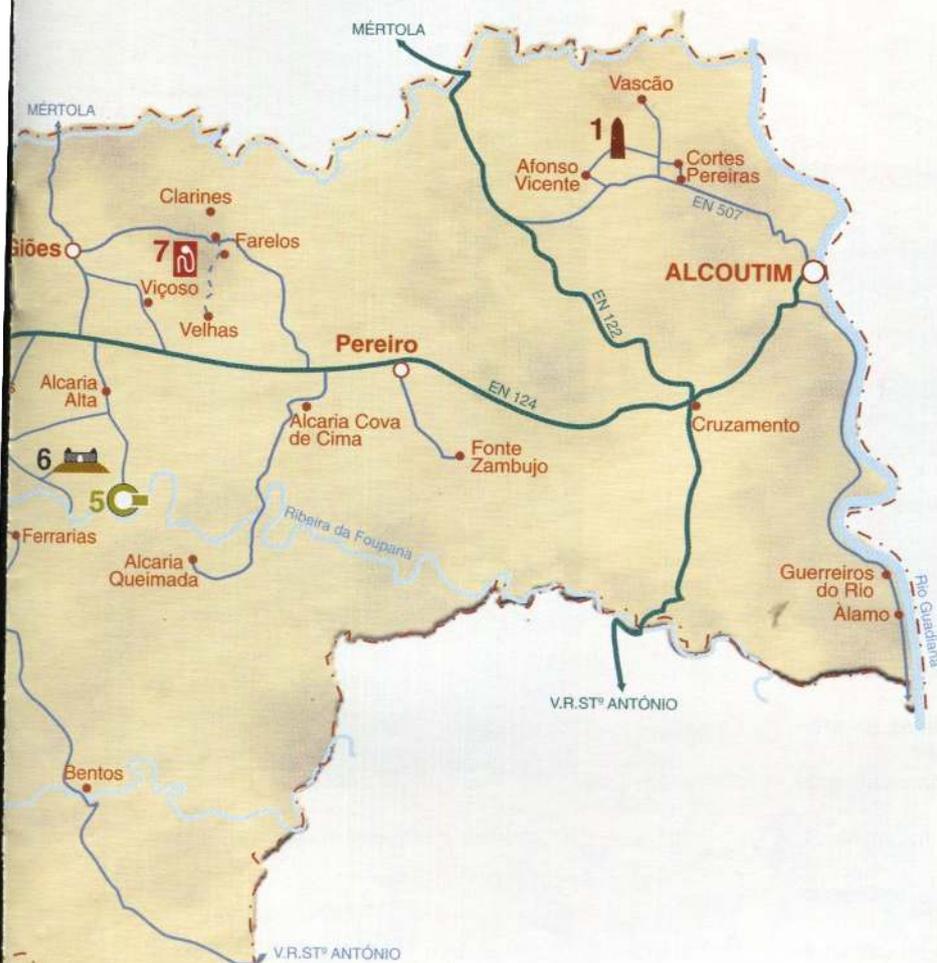
- 1-Menir do Lavajo
- 2-Anta do Curral da Castelhana;
3-Anta da Masmorra; 4-Anta das Pedras Altas.

Calcolítico (2500 a.C.):

- 5-Sepulcro de falsa cúpula da Eira dos Palheiros.
- 6-Povoado Calcolítico de Santa Justa.

Idade do Bronze (2000 a.C.):

- 7-Necrópole da Humbria da Fome;
- 8-Necrópole da Terra das Cebolas.



Anta Curral da Castelhana

Localização:

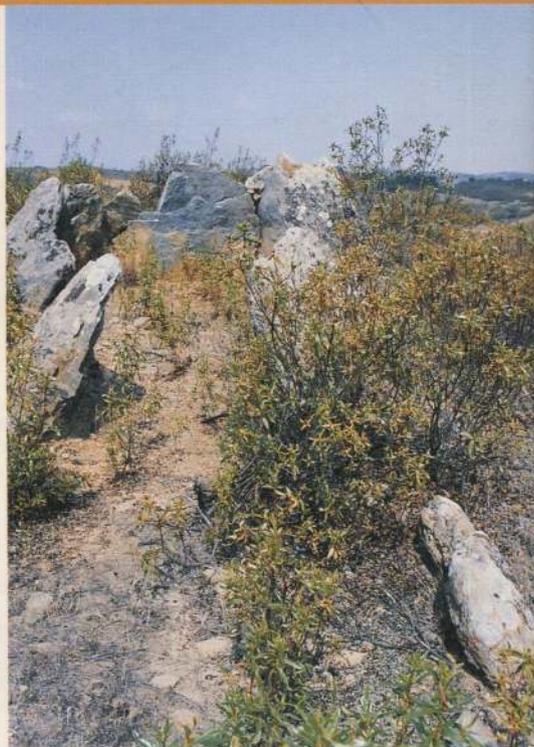
Carta militar (folha nº581)

X: 46.2

Y: 223.6

A Anta do Curral da Castelhana foi estudada pelo Dr. V. Gonçalves (V. Gonçalves, *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*, 1989, p. 340, vol.1) e localiza-se nas imediações das Alcarias de Pedro Guerreiro. Trata-se de uma anta de sete esteios na câmara, com corredor de 3+3 (faltam dois esteios), com diâmetro da câmara de 2,72m, e corredor curto com cerca de 2,6m. Relativamente aos artefactos recolheram-se nesta anta dois conjuntos de artefactos: um na câmara e outro no corredor, nomeadamente placas de xisto com decoração geométrica fragmentada, vasos esféricos e machados. O espólio arqueológico recolhido nas escavações realizadas encontra-se no Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa - Unidade de Arqueologia.

Por iniciativa da Associação Alcance, está em curso um plano de recuperação deste monumento megalítico, por



parte da Câmara Municipal de Alcoutim, que consta no arranjo de acessos e sinalização do percurso, para facilitar a divulgação deste importante monumento pré-histórico.

Anta da Masmorra

Localização:

Carta militar (folha nº581)

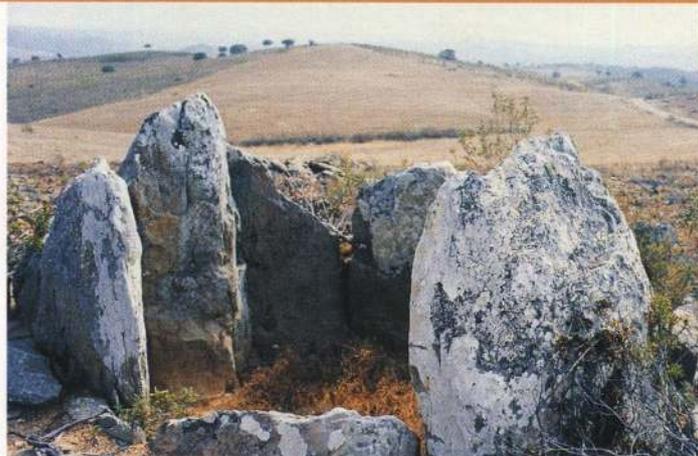
X: 45.6

Y: 239.8

A Anta da Masmorra situa-se junto aos moinhos da Masmorra, a poucas dezenas de metros das Alcarias de Pedro Guerreiro.

Estudada pelo Dr. V. Gonçalves (V. Gonçalves, *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*, 1989, p.334, vol.1) trata-se de um monumento de corredor bastante regular, com diâmetro da câmara de 3,20m e comprimento do corredor de 2,30m. Existem várias pedras na separação entre o corredor e a câmara que constituíam uma "escadeira" (pseudo-escada de acesso ao interior).

O visitante pode apreciar uma bonita vista panorâmica junto aos moinhos de vento ali existentes "Os Moinhos da Masmorra". A Câmara Municipal de Tavira está a ser alertada no sentido de providenciar melhorias nos acessos a este histórico monumento, assim como uma sinalização adequada do mesmo.



Anta das Pedras Altas

Localização:

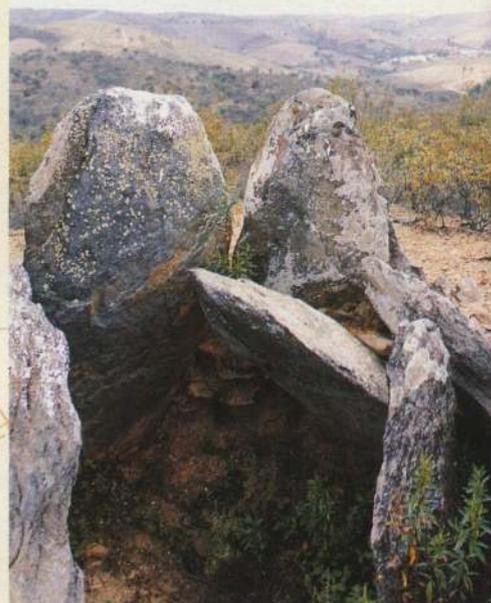
Carta militar (folha nº581)

X: 43.7

Y: 223.4

A Anta das Pedras Altas situa-se num alto cerro perto do monte da Mealha, freguesia de Cachopo, concelho de Tavira. O Dr. V. Gonçalves (V. Gonçalves, *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*, 1989, p.337, vol.1) afirma tratar-se de um monumento de planta piriforme, orientado a nascente, com esteios deslocados aquando da sua violação. Os esteios, em número total de doze, estavam parcialmente cobertos, pelo que poderiam ter constituído um corredor, indiferenciado na planta. Dois esteios terminais, apareados, estavam separados por uma estrutura para diferenciar a câmara do corredor, semelhante à que se observa em alguns monumentos megalíticos alentejanos. Relativamente aos artefactos foram recolhidos os seguintes: pedras afeiçãoadas; pedras lascadas; lamelas de sílex; pontas de seta de sílex; geométricos de sílex retocados; esquirolas e quartzo e ainda alguns artefactos de adorno pessoal. Este importante espólio encontra-se no Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa - Unidade de Arqueologia .

A partir do monte da Mealha nenhum acesso é possível a não ser a pé. No entanto, a Câmara Municipal está a ser



alertada no sentido de providenciar caminhos e sinalização adequada que permita, urgentemente, a integração da Anta das Pedras Altas em itinerários turísticos, com estradas transitáveis, assim como o reconhecimento das paisagens exuberantes que a serra proporciona nestas paragens.

Tholos da Eira dos Palheiros

Localização:

Carta militar

X: 49.5

Y: 239.8

A "Tholos" da Eira dos Palheiros situa-se na extremidade de um cerro, dominando o meandro da ribeira da Foupana com uma excelente vista panorâmica.

Estudado pelo Dr. Victor Gonçalves (V. Gonçalves, *Megalitismo e Metalurgia no Alto Algarve Oriental*, 1989, p.342, vol. 1), este monumento foi construído a partir de uma câmara circular com um corredor ortostático. A câmara circular estava revestida com grandes placas de xisto retangulares e o todo coberto, muito provavelmente, por uma falsa cúpula. No que diz respeito aos artefactos, foram encontrados neste local pontas de seta, pedras polidas, fragmentos distal e mesial de uma enxada e algumas cerâmicas. Este espólio encontra-se no Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa - Unidade de Arqueologia .

As "Tholos" são monumentos «híbridos», com uma forte componente local de tradição megalítica. Para alguns investigadores, no entanto, a estrutura das coberturas das câmaras e a concepção global do sepulcro pretendem, "copiar" protótipos alógenos, que já eram conhecidos na Estremadura desde o Neolítico Final, e que, em última análise «imitariam» modelos mediterrânicos. A sua feitura poderia implicar novas formas de organização do trabalho. Aliás, o tamanho destes monumentos, podendo variar, é, em regra, sobretudo no Algarve e Andévalo Ocidental de proporções mais modestas do que o da média dos sepul-



ros megalíticos conhecidos no Neolítico Final.

Admite-se que na edificação destas "tholoi" não seria necessário um sistema de entajuda comunal tão estruturado como no caso da construção de monumentos megalíticos, sobretudo os de grandes dimensões. Tal pressuporia um menor investimento de energia, por parte da comunidade como um todo, na erecção destes monumentos.

Por iniciativa da Associação Alcance, a Câmara Municipal de Alcoutim preparou caminhos que permitem o acesso a este monumento. Deve-se referir que o Sr. Alves dono da propriedade, cedeu este terreno para a divulgação desta "tholos", em volta da qual, durante tempos imemoriais, pairou um conjunto de medos e assombramentos.

A "tholos" da Eira dos Palheiros é contemporânea do povoado calcolítico do Cerro do Castelo de Santa Justa, pelo que se torna aconselhável a visita a este importante monumento histórico. Relativamente aos acessos a este povoado de metalurgistas pré-históricos, a Câmara Municipal de Alcoutim está a providenciar um plano de rede viária que permita acesso aos visitantes. Na sede da freguesia de Martinlongo existem restaurantes que servem pratos regionais.

Necrópoles da Idade do Bronze

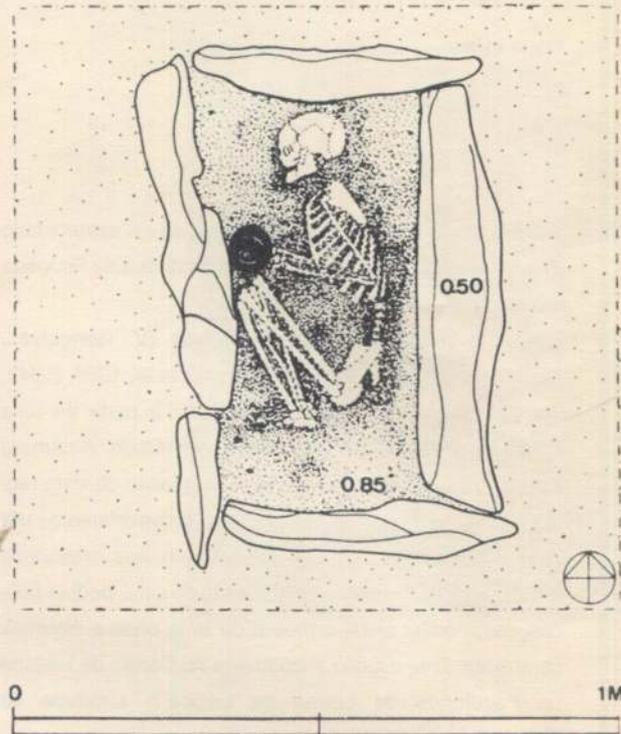
Deve-se a Estácio da Veiga, fecundo pioneiro da Arqueologia Algarvia, as primeiras referências à Idade do Bronze, no Concelho de Alcoutim. Este investigador aqui identificou, no último quartel do século passado, não só bom número de necrópoles de cistas, como importantes testemunhos de antigas minerações, também atribuídos àquele período (Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, 1886, 4 vols.). Os cemitérios mencionados localizavam-se na grande área de terreno abrangido pelas Freguesias de Vaqueiros, Martinlongo, Giões, Pereiro e Alcoutim, que se alargam entre a Ribeira do Vascão e a Ribeira da Foupana, sendo esta uma rica região cuprífera. As sepulturas descritas por Estácio da Veiga apresentavam formas quadrilongas, quadrangulares, quadradas e encontravam-se agrupadas, sendo constituídas por lages toscas de xisto. Pertenciam a este tipo as cistas das seguintes necrópoles:

Curral da Pedra (Freguesia de Odeleite).

Necrópole totalmente destruída. Continha uma urna cheia de terra dura, ao lado de uma flecha de cobre.

Cortes Pereiras (Freguesia de Alcoutim).

Totalmente destruída. Necrópole de cistas quadrangula-



Segundo Gomes *et al.*, *A Necrópole da Vinha do Casão*, 1986

res, construídas com lages de xistos, contendo cada uma delas a respectiva urna.

A actual investigação confirma a existência destas necrópoles totalmente destruídas.

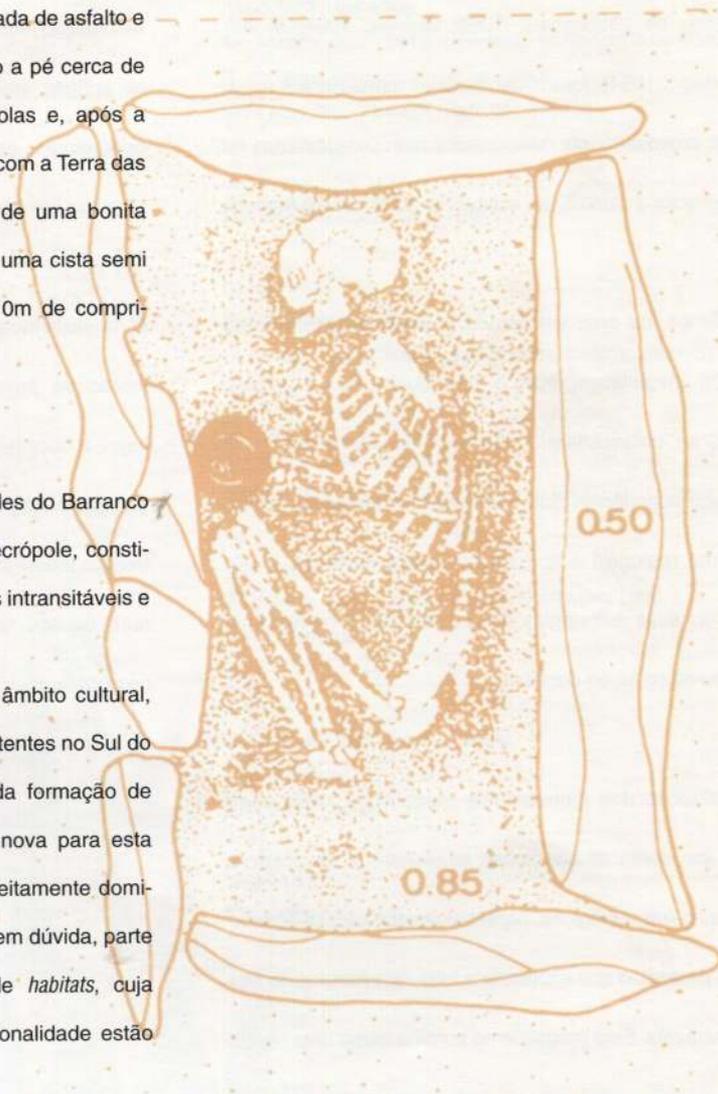
Terra das Cebolas (Freguesia de Giões).

Necrópole semi-destruída. Seguindo a estrada de asfalto e um caminho de terra batida, e percorrendo a pé cerca de 1,5km, passa-se pelo Barranco das Cebolas e, após a subida de um pequeno monte, deparamos com a Terra das Cebolas, onde o visitante pode disfrutar de uma bonita vista panorâmica. Encontra-se neste local uma cista semi destruída com as seguintes medidas: 1,10m de comprimento e 0,66m de largura.

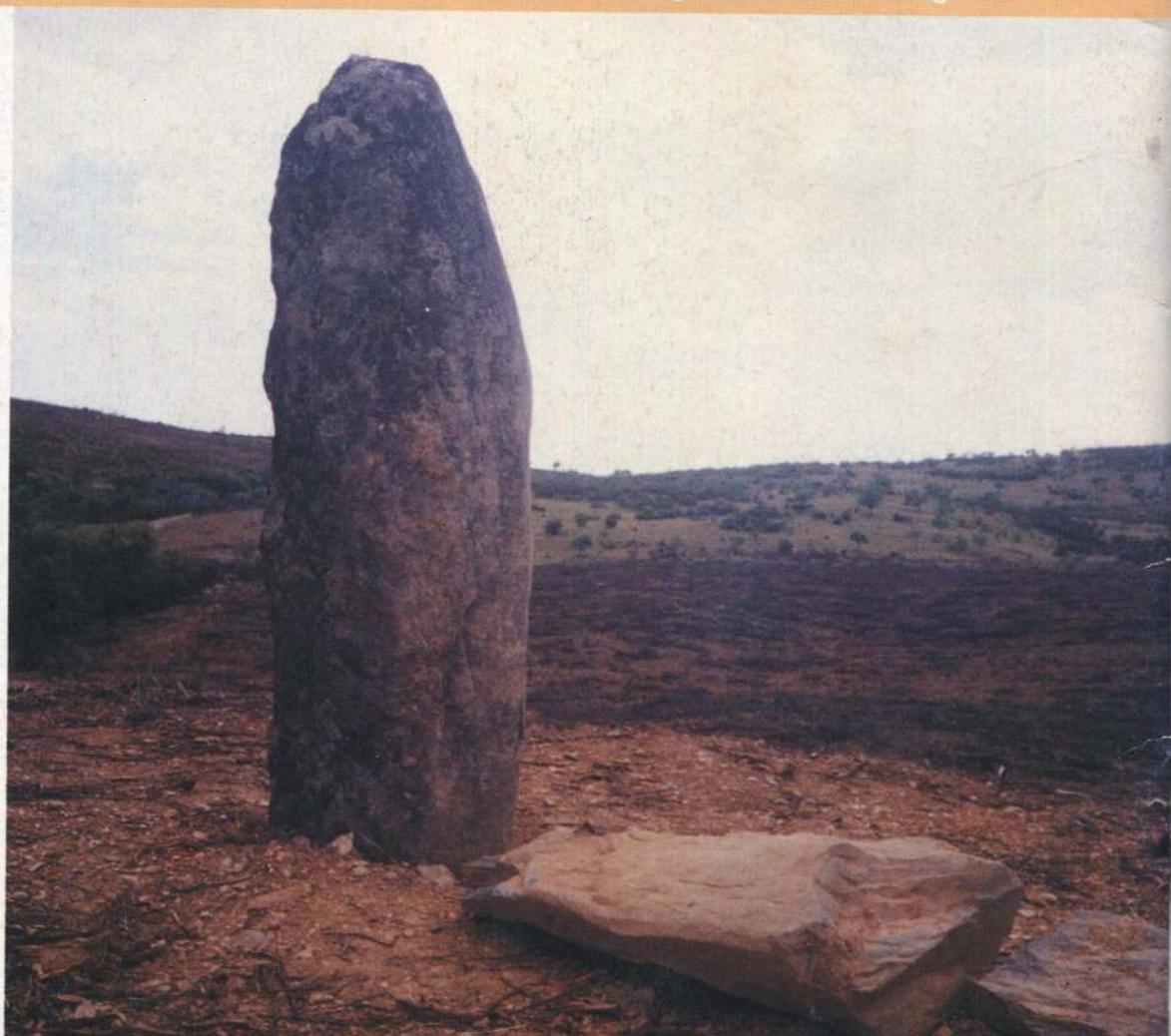
Húmbria da Fome (Freguesia de Giões).

Necrópole semi-destruída. Nas proximidades do Barranco da Húmbria da Fome encontra-se esta necrópole, constituída por cistas semi destruídas. Caminhos intransitáveis e sem sinalização.

O estudo das áreas habitacionais, deste âmbito cultural, contíguas a muitas destas necrópoles existentes no Sul do País, adverte-nos para a possibilidade da formação de uma "rede" de povoamento totalmente nova para esta etapa, onde a metalurgia do cobre é perfeitamente dominada. Estes povoados incipientes farão, sem dúvida, parte de complexas e diversificadas redes de *habitats*, cuja dimensão, localização geográfica e funcionalidade estão ainda por determinar.



Roteiro do Megalitismo no Nordeste Algarvio . Roteiro do Megalitismo no Nordeste Algarvio . Roteiro do Megalitismo no Nordeste



Alcance



PPDR
Promoção do Potencial de
Desenvolvimento Regional



FEDER